

FÁBULAS: NARRATIVAS LÚDICAS PARA ADULTOS E CRIANÇAS***FABLES: FUN NARRATIVES FOR ADULTS AND CHILDREN***

Lucimara Leite
Doutora em Língua e Literatura Francesa
Universidade Nove de Julho - Universidade Nove de Julho
(lucimara.leite@hotmail.com)

Lisete da Silva Oliveira
Mestre em Educação
Unibero – Centro Universitário Íbero Americano
(lisoliveira@estado.com.br)

RESUMO: Neste texto, apresentaremos na primeira parte o conceito do gênero fábula na literatura francesa medieval. Depois, abordaremos a importância das fábulas de Monteiro Lobato na formação da literatura infantil brasileira como início de uma literatura infantil genuinamente brasileira, ou seja, com aspectos e características da nossa cultura. Dado importante a ser ressaltado é que em sua origem as fábulas não eram narrativas direcionadas às crianças. Tanto as fábulas de Esopo como as fábulas medievais tinham como ouvintes os adultos, era uma forma de aprendizagem, ou melhor, de reflexão sobre os atos cometidos, ou ainda, evitar que se cometessem atitudes que não estavam de acordo com a moral vigente. As fábulas trilharam muitos caminhos, recebendo as influências de costumes, valores e tradições dos lugares que passaram, mas, sempre envolvidas pelo imaginário e o fantástico. Abordamos a importância das fábulas com sua de lição de moral, que no seu desfecho apresenta a possibilidade de olhar para a mesma história e ver elementos semelhantes e divergentes quanto aos valores entre as épocas distantes.

Palavras-chave: Fábula; Esopo; Literatura francesa medieval; Monteiro Lobato; Literatura infantil brasileira

ABSTRACT: In this text, we will attempt to present in the first part, the concept of the genre fable in medieval French literature. Then, we will portray the relevance of Monteiro Lobato's fables in the formation of Brazilian children literature as the beginning of children literature genuinely Brazilian, that is, with aspects and features of our culture. It is important to enhance the fact that, in its origin, fables were not narratives addressed to the children. Both Aesop's fables as medieval fables had just adult listeners. It was a way of learning, in other terms, a way of reflecting on the committed acts or even avoid to commit attitudes that were not in accordance with the current moral. The Fables have trodden many paths, receiving the influences from habits, values and traditions of the places where they had passed, but, always involved by the imaginary and the fantastic. We portray the fables relevance, concerning with its moral lesson that, in its outcome, presents the possibility of looking at same story and see both similar and divergent elements, related to the values among distant times.

Keywords: Fable; Aesop; Medieval French Literature; Monteiro Lobato; Brazilian children literature

Introdução

No presente artigo nós apresentaremos o conceito de fábula no início da formação da literatura francesa, isso para percebermos as diferenças e transformações que ocorreram com esse gênero através dos tempos. E depois, abordaremos a importância da produção das fábulas de Monteiro Lobato para a constituição de uma literatura infantil genuinamente brasileira, ou seja, com aspectos e características da nossa cultura.

Esopo, um dos grandes escritores gregos da Antiguidade, foi o criador de um gênero imortal, a fábula ou apólogo, historieta de caráter alegórico e moralizante, cujas personagens são geralmente animais. A tradição nos legou várias lendas e traços anedóticos a respeito de Esopo¹, mas quase nenhum dado concreto.

Ao que parece, nem todas as fábulas denominadas de esópicas são de Esopo. Muitas das historietas atribuídas ao autor são anteriores a ele; são narrativas antigas fruto da cultura grega e do contato com os povos do Oriente, a navegação e o comércio possibilitaram uma miscelânea entre os relatos orais e disso gerando novas e outras histórias.

A forma atual das fábulas também é posterior a Esopo, é decorrente da Idade Média. As variantes conservadas das fábulas esópicas estão escritas em prosa. É a partir do Medievo que as historietas ganham uma forma versificada.

Fábulas: narrativas lúdicas para adultos e crianças

Na literatura francesa medieval existe dois termos muito semelhantes, *fabliau* e *fable*, que possuem divergências em seus conteúdos.

Os *fabliaux* e as *fables* foram considerados textos didáticos durante a Idade Média e por vezes foram misturados aos textos de edificação ou religiosos.

A palavra *fabliau* é uma derivação de *fable*, que na Idade Média correspondia às fábulas inspiradas em Esopo. Os *fabliaux* possuíam uma

¹ “A tradição pinta-o como um escravo aleijado, misero e feio, cujas imperfeições físicas eram, porém, compensadas pelos dotes do espírito. Para ele as fábulas constituíam a única arma: por meio de suas alusões defendia-se dos inimigos e ao mesmo tempo os agredia” (HOLANDA & RÔNAI, 1998, p. 50).

performance do tipo dramático e traziam o **eu** em seus enunciados. Outro item a acrescentar é a definição citada por Zink (1992, p.218) dada por Bédier: *contes à rire en vers*; tradução livre: os *fabliaux* são contos para rir escritos em versos.

Os versos dos *fabliaux* contavam histórias ficcionais que eram destinadas a serem recitados na corte. Podemos inferir que se tratava de anedotas ficcionais realistas, ou melhor, as passagens abordadas não representavam um retrato fiel da época, mas sim, eram narrativas curtas com elementos e traços do cotidiano vivido naquele período. Os personagens pertenciam a todas as camadas da sociedade _ clero, nobreza, mercadores, artesãos, cavaleiros, camponeses, mendigos ou prostitutas.

O período de sucesso dos *fabliaux* aconteceu entre o final do século XII e o início do século XIV, resta cerca de cento e cinquenta textos produzidos nessa época. Os textos, a maioria, eram escritos em versos octossílabos. O conteúdo tradicional e recorrente é o moralizador, tirado principalmente do folclore de vários países, com a intenção de edificar. A temática da intriga quase sempre acompanhada da ludibriação, elemento muito presente, pois faz rir, do personagem enganado, quem lê. A trama gira em torno das implicações que favorecem ou desfavorecem os personagens envolvidos que podem ser: uma esposa infiel, um sedutor sem escrúpulos ou um vilão (aquele que vive na vila) estúpido. Às vezes a situação pode ser picante sem ser realmente cômica, mas o ensinamento que se tira é o reto agir.

As histórias com maridos enganados, padres tarados, sedutores mutilados e mulheres insaciáveis ocupam um lugar considerável. Por volta de um terço dos *fabliaux* é escatológico ou obsceno, ao ponto de frequentemente causar espanto pelo escabroso da situação, isso é comprovável pelo título de alguns deles:

Le chevalier qui faisait parler les cons et les culs

Le prêtre qui perdit les couilles

Les trois dames qui trouvèrent un vit

La demoiselle qui ne pouvait entendre parler de foutre²

² Tradução livre: O cavaleiro que fazia falar os idiotas e os cus; O padre que perdeu os testículos; As três damas que encontraram um pênis; A senhorita que não podia ouvir falar de esperma.

Esses títulos nos dão uma ideia de quão vulgar, obsceno e blasfemo poderiam ser os versos. Poderíamos pensar que os *fabliaux* fossem escritos, em grande parte, por padres por causa de seu conteúdo que reduz o amor ao instinto sexual e pela forma misógina que tratam as mulheres como seres inconstantes por causa de sua fraqueza moral.

Os *fabliaux* dão origem no fim da Idade Média ao teatro cômico, na Itália no século XV, *Commedia dell'arte* e na França mais tarde com a comédia satírica de Molière, um dos principais representantes. *Fables*, fábulas, contos sobre animais, que têm em comum com os *fabliaux* o uso do riso e a temática moralizadora. De Esopo, a Idade Média só conhecia o nome, de onde se nomeou o gênero *isopet* (isópica). A primeira coletânea de fábulas escritas em francês foi feita por Marie de France em 1170.

Le Roman de Renart (O romance da Raposa) é a fábula francesa medieval de maior sucesso, enquanto divulgação, mesmo hoje. A composição dessa fábula não segue uma homogeneidade, ela é formada por uma série de divisões independentes, cada uma chamada de *branche*, compostas por diversos autores; sendo que a mais antiga foi escrita por Pierre de Saint-Cloud em 1175. Esse conjunto de narrativas sem composição estruturada parte sempre da retomada da história anterior para prosseguir com a fantasia, o imaginário.

A fábula, em suas várias divisões elenca alguns animais: galo [*Chanteclerc*], gato [*Tibert*], corvo [*Tiercelin*], loba [*Hersent*], leão [*Noble*], lobo [*Isengrin* e *Primaut*], cachorro [*Roone*], grilo [*Frobert*], carneiro [*Belin*], asno [*Bernard*], entre outros. O comum nessas narrativas é: a personificação de atitudes humanas, as desventuras dos animais assim como no mundo humano e a identificação, quase todos os animais possuem nomes e atividades que lhes definem.

A raposa é um personagem muito comum e constante no folclore de quase todas as culturas. Entre as fábulas de Esopo há vários exemplos desse personagem (A raposa ambiciosa, A raposa e a amoreira, A raposa e a cegonha, A raposa e as uvas e A raposa e o corvo). O traço marcante da raposa em suas aventuras é a ludibriação, que em algumas narrativas pode parecer como ponto positivo e em outros como ponto negativo. Podemos pensar no termo usado

atualmente “esperto”, alguém que é astucioso para o seu proveito, com isso podendo ou não prejudicar o outro. Por conta disso, a raposa encanta, seduz, ao mesmo tempo em que é admirada também é temida. É um personagem desconcertante porque é múltiplo e porque suscita a simpatia e a antipatia, às vezes, ao mesmo tempo. Mas, enquanto narrativa moralizante, essa ambigüidade não dura muito. Rápido a reprovação de seus atos se impõe e a raposa transforma-se no protótipo do malandro.

No texto, *Roman de Renart*, há várias associações das categorias sociais e o reflexo do comportamento que se espera de cada um. Os animais encarnam papéis sociais: o leão e o lobo, os grandes senhores feudais; o asno e o gato, o clero; a raposa (cavaleiro medieval viril que violenta a loba; ato que dá o pano de fundo da eterna briga entre o lobo e a raposa) e a loba (dama medieval). Animais e homens fazem parte de um jogo de relações complexas. Ambos são submissos aos modos e condições sociais. Os homens, por vezes, assumem um comportamento selvagem e predador em relação a outros homens, barões x vilões (habitantes das vilas). No geral, joga-se com a ambigüidade da máscara: os animais se travestem de homens e os homens se travestem de animais.

Outro fato interessante é o contexto histórico da época em que o *Roman de Renart* foi escrito, no final do século XII. No século XII ocorreu um Renascimento sócio-cultural da Idade Média, o contato com obras de autores gregos até então pouco conhecidos; o surgimento das primeiras vilas e de novas profissões; uma maior comunicação com outras culturas, comércio (isso tudo dentro dos limites daquele momento), isso tudo fez com que as pessoas saíssem dos feudos e fossem para as vilas; essa abertura física possibilitou também, uma abertura mental. Nesse contexto de avanço cultural surge o personagem astucioso da raposa que tenta de várias formas burlar uma situação de poder estabelecido, isso numa época em que a fidelidade feudal ainda era um valor essencial. Podemos considerar essa fábula como um espelho daquele mundo humano que estava em transformação, onde as regras começavam a ser questionadas, a nobreza e o clero não mais detinham a onipotência sem uma voz de oposição. A nascente Literatura na língua francesa, língua falada pelo povo, começa a dar voz a ironias, ironias essas que assim como a raposa são astuciosas em falar e fazer algo transgressor. Porém, no fim da história

retoma-se a moral, para manter tudo nos “trilhos da História” a raposa representa o anti-herói, que encarna o mal, aquele que apesar da esperteza, feriu a norma e deve pagar por isso.

Essa situação ficou mais evidente no século XIII com a ampliação do espírito urbano que se caracterizava pela oposição de dois modos de viver medieval: de um lado, a ordem hierárquica do castelo, da corte e o ideal cortês; e do outro lado, a divisão do poder, a vida nas vilas, uma camada de pessoas que não são mais servos, mas que ainda não se definem dentro da estrutura social, porém, apresentam sua contestação, na fala cotidiana, um retrato irônico dos costumes e a exibição da miséria.

Portanto, as fábulas medievais assumiam também outro papel, um diferenciador em comparação com as fábulas de Esopo: o de criticar, através da ironia, aquela sociedade. Entendemos aqui criticar no sentido de demonstrar as diferenças e transformações que estavam ocorrendo naquele período.

A escolha pelas fábulas medievais deve-se ao ponto comum dessas com as fábulas lobatianas. Ambas fazem uso de animais como forma de chamar a atenção dos leitores e facilitar a compreensão da lição moral.

Fábulas Lobatianas

Monteiro Lobato se dedicou com afinco para revolucionar a literatura infantil brasileira no início do século XX. Foi o pioneiro de uma literatura infantil legitimamente brasileira que rompeu com a dependência literária vinculada aos padrões europeus de literatura. Um escritor que recriou a literatura infantil, adaptando-a ao público leitor brasileiro na linguagem e na matéria que lhe servia de tema, aproximando-o de forma lúdica, prazerosa e imaginativa dos mais diversos assuntos. Monteiro Lobato foi a marca inauguradora da literatura infantil destinada à criança brasileira, visto que para ele, a história deveria ser contada sob o ponto de vista da criança e, sobretudo, antes de ensinar, a história deveria interessar e divertir o leitor. Por isso, em suas obras deu à criança o papel principal, respeitando o seu universo, tratando-as como seres pensantes, sonhadores, atuantes em sociedade e capazes de se colocarem de forma crítica e autônoma diante da realidade.

Em 1922, Lobato publicou o livro *Fábulas*, composto por 74 fábulas e reescreve as fábulas de Esopo e La Fontaine, dando uma nova roupagem tanto para a linguagem, quanto para os personagens, nos ambientes, recebendo um aspecto autenticamente nacional. Assim sendo, “*trazer a vida brasileira à consciência infantil e desenvolver um sentimento de nacionalidade atuante, foi a mais importante função da literatura de Lobato [...]*” (FILIPOUSKI,1983, p. 105). A criação de uma literatura genuinamente brasileira tornou-se para Lobato em um autêntico projeto de vida. Em suas palavras:

[...] ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisas para crianças [...] Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas seriam um começo da literatura que nos falta (LOBATO,1951, p. 104).

Um instrumento facilitador no resgate de valores humanos é a conotação de fábulas, que traz à fantasia e à imaginação um universo novo que permitem e possibilitam o despertar de processos criativos.

De caráter lúdico, a literatura infantil lobatiana proporciona à criança questionamentos, desperta sua imaginação, desenvolve sua criatividade e também seu espírito crítico. Em suma, ela proporciona à criança o conhecimento de mundo e de si mesma, ampliando-lhe os seus horizontes.

As fábulas despertam o interesse e a atenção dos leitores, por meio de personagens fictícios como animais, pessoas ou seres inanimados, apresentam uma lição de moral e facilitam a compreensão de certos valores de conduta humana ou convívio social, tais como a disputa entre fortes e fracos, a esperteza, a ganância, a gratidão, o ser bondoso, etc. Desta forma, Lobato intensifica a dupla função das fábulas: divertir e educar.

As fábulas constituem um alimento espiritual correspondente ao leite na primeira infância. Por intermédio delas a moral, que não é outra coisa mais que a própria sabedoria da vida acumulada na consciência da humanidade penetra na alma infantil, conduzida pela loquacidade inventiva da imaginação., Esta boa fada mobiliza a natureza, dá fala aos animais às árvores, às águas e tece com esses elementos pequeninas tragédias donde ressurgem a moralidade, isto é a lição da vida. O maravilhoso é o açúcar que disfarça o medicamento amargo e torna agradável sua ingestão (LOBATO, 1922, p. 171).

As fábulas eram transmitidas, com especial atenção à lição moral nelas presente, fato este que se comprova nos livros, quando se observa o destaque dado à moral, que aparece separada do restante do texto. A estrutura das fábulas consiste em duas vertentes: a narrativa e a moral, variando de acordo com o texto, autor ou a época.

Pode-se perceber este fato num dos mais conhecidos de textos de Esopo,

A raposa e o cacho de uvas:

Uma raposa faminta viu uns cachos de uva pendentes de uma vinha; quis pegá-los mas não conseguiu. Então, afastou-se murmurando: “Estão verdes demais”.

Moral: Assim também, alguns homens, não conseguindo realizar seus negócios por incapacidade, acusam as circunstâncias (ARGENTA, 2006, p. 31).

Nesta fábula existe uma moral, e esta se dirige a um adulto, como todas as outras criadas pelo grego, que, segundo a lenda, acabou assassinado em uma ilha em virtude de seus ensinamentos que foram considerados como crítica a um determinado povo. A moral aparece então em itálico, disposta abaixo do texto e é explícita. Esta é uma constante, deixando claro que o mais importante é a lição moral e não o texto em si.

Algumas diferenças entre os textos de Esopo e Lobato:

- Esopo inicia com a dificuldade da altura (muito alto, por mais que pulasse não alcançava), depois fala que a raposa ficou cansada de pular, olhou e disse estão verdes;
- Lobato inicia com o desejo (água à boca), depois fala da altura (tão altos que nem pulando), ou seja, aqui a raposa nem tentou alcançar as uvas. Ao invés de olhar, aqui a raposa torce o focinho e diz: *uvas verdes, só para cachorro*. No final a diferença maior: a raposa de Lobato volta ao ouvir a folha cair.

Como podemos observar o tema é o mesmo, mas o modo de contar e os destaques são diferentes. Esopo foca mais a tentativa enquanto Lobato descarta a tentativa devido à dificuldade e destaca o desdenho da raposa.

Walter Benjamin, em seu ensaio *Livros infantis velhos e esquecidos*, de 1924, defende que, nas fábulas, a despeito de toda moral, a criança permanece se encantando mais com os animais que falam e agem como humanos do que com seus conselhos. Se a criança aprecia, não é porque aprende que quem desdenha deseja o objeto desprezado. Ela reconhece em si, em seu tamanho reduzido, a dificuldade da raposa pretensamente esperta, que usa dos poucos artifícios de que dispõe, para tentar apanhar um belo e apetitoso cacho de uvas - para ela, inalcançável. A criança vivencia a dificuldade e a conseqüente frustração advinda da dependência de outros seres mais altos para buscar aquilo que tanto quer e que se encontra no alto do armário.

Em seu livro *Fábulas* (1922), Lobato explica de forma original porque expõe a atitude da raposa, estende a narrativa da fábula e comprova que o animal comeria sim as uvas, se pudesse. O autor ao fazer a raposa voltar e procurar as uvas que poderiam ter caído com o vento, não deixa dúvidas quanto à incapacidade do animal, de suas ações e de seus sentimentos em relação a isso.

Conclusão

Buscando inovar ou dar um novo aspecto às fábulas, autores e/ou tradutores produziram ao longo de mais de vinte séculos, diferentes morais e formas narrativas, pela ótica da imitação.

As fábulas passaram por transformações, prosa/verso/prosa, modificações temáticas e estilos, os *fabliaux*, por exemplo, uma derivação, mas algo sempre permaneceu imutável, o fundo moral.

Algo importante a ser ressaltado é que em sua origem as fábulas não eram narrativas direcionadas às crianças. Tanto as fábulas de Esopo como as fábulas medievais tinham como ouvintes os adultos, era uma forma de aprendizagem, ou melhor, de reflexão sobre os atos cometidos ou ainda evitar que se cometessem atitudes que não estavam de acordo com a moral vigente. A partir de La Fontaine, considerado o pai da fábula moderna, é que podemos dizer que as narrativas envolvendo animais personificados passam a ter também como público alvo a criança. Isso ocorre porque em 1668, data da primeira publicação da coletânea de fábulas de

La Fontaine, ele a dedica ao filho do rei sol, Luís XIV. Não podemos afirmar que no século XVII houvesse uma literatura propriamente infantil, pois a criança ainda era considerada um adulto em miniatura. Ainda teríamos que esperar algum tempo para ver surgir um texto escrito exclusivamente para crianças.

No Brasil, como citamos acima, é só no início do século XX, com Monteiro Lobato, que surge a preocupação de se produzir um texto voltado especificamente para crianças. Tivemos que esperar quase três séculos para termos o nosso universo cultural adaptado à linguagem infantil e com o objetivo de educar sem perder o lúdico.

A ideia de contar uma história para coibir os excessos é algo muito forte e presente na humanidade, pois, de modo geral as pessoas aprendem mais fácil e rápido quando ouvem ou lêem pequenas histórias. Outro elemento importante e comum às fábulas é o riso, o que também facilita a reter o fato narrado.

Por esses fatores é que acreditamos que as fábulas são ainda hoje um fator importante no processo de aprendizagem seja ele formal ou informal; do adulto ou da criança.

Referências

ARGENTA, M. **Fábulas Esopo**. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006. 128 p.

BEDIER, J. **Les fabliaux**. Paris: Champion, 1893. 235 p.

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002. 176 p.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil: teoria análise e didática**. São Paulo: Ática, 1993. 187 p.

FILIPOUSKI, A. Monteiro Lobato e a literatura infantil brasileira contemporânea. In: ZILBERMAN, R. et al. (org.). **Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 102-105.

HOLANDA, A. B. & RONAI, P. **Mar de histórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1998. 295 p.

LOBATO, M. **Fábulas** . *Obras completas*. São Paulo: Brasiliense, 1994. 287 p.

ZINK, M. **Littérature française du Moyen Age**. Paris: PUF, 1992. 397 p.

Anexo:

A Raposa e as uvas (Esopo)

Uma raposa entrou faminta num terreno onde havia uma parreira, cheia de uvas maduras, cujos cachos se penduravam, muito alto, em cima de sua cabeça. A raposa não podia resistir à tentação de chupar aquelas uvas, mas, por mais que pulasse, não conseguia abocanhá-las. Cansada de pular, olhou mais uma vez os apetitosos cachos e disse:

_ Estão verdes...

Moral: É fácil desdenhar daquilo que não se alcança.

A Raposa e as uvas (Monteiro Lobato)

Certa raposa esfaimada encontrou uma parreira carregadinha de lindos cachos maduros, coisa de fazer vir água à boca. Mas tão altos que nem pulando.

O matreiro bicho torceu o focinho.

- Estão verdes - murmurou. - Uvas verdes, só para cachorro.

E foi-se.

Nisto deu o vento e uma folha caiu.

A raposa ouvindo o barulhinho voltou depressa e pôs-se a farejar. . .

Moral: *Quem desdenha quer comprar.*